



Os Diálogos do Rabino Joshua ben Hananiah e o Conflito entre Judeus e Cristãos durante o Governo do Imperador Adriano (117-138).

Edgard Leite¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/4323981692424724>

Resumo: O Rabino Joshua ben Hananiah é uma personagem importante no Talmude. É conhecido pela posição de preponderância na Academia de Jabneh e pelos diálogos lendários que manteve com o Imperador Adriano (117-138). Neste artigo pretendemos demonstrar que as narrativas envolvendo o Rabino Hananiah, além de expressarem experiências paradigmáticas de cunho moral, traduzem o clima de tensão e confronto entre judeus e cristãos característico dos primeiros anos do governo de Adriano e dominante durante a revolta de Simão Bar-Kokhba (132-135).

Palavras-chave: Judaísmo rabínico - Talmude - Joshua ben Hananiah - Conflito Judaico-Cristão - Imperador Adriano.

Abstract: Rabbi Joshua ben Hananiah is a major character in the Talmud. He is known for his leading position at Jabneh Academy and by the legendary dialogues held with Emperor Hadrian (117-138). This article aims to demonstrate that narratives involving Rabbi Hananiah express paradigmatic experiences of moral nature, but also reflect the tension and confrontation between Jews and Christians characteristic of Hadrian's first years of rule and dominant during the Simon Bar-Kokhba revolt (132-135).

Keywords: Rabbinic Judaism - Talmud - Joshua ben Hananiah - Jewish-Christian Conflict - Emperor Hadrian.

¹ Professor Doutor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Membro da Academia Brasileira de Filosofia. Diretor Acadêmico do Centro de História e Cultura Judaica. Projeto em desenvolvimento: "Judaísmo do Segundo Templo e Judaísmo Rabínico: dinâmicas de transformação e inflexões civilizacionais".

Existe hoje um relativo consenso entre os historiadores de que o governo do Imperador Adriano (117-138) foi marcado por uma tentativa institucional em pacificar conflitos religiosos, e, portanto, identitários, dentro do Império Romano (Rizzi, 2). Esses conflitos vinham abalando as províncias orientais do Império e tinham sido particularmente violentas no governo anterior, de Trajano (98-117). No caso específico dos judeus, rebeliões eram constantes em todo mediterrâneo oriental desde a guerra de 66-70.

Aelius Spartianus afirma que, em Roma, o Imperador Adriano desprezava cultos estrangeiros e “observava escrupulosamente” as tradições e os “deveres de pontifex maximus”. Mas o próprio cronista dá conta de que o Príncipe viajou por todo Império, prestando atenção às diferentes sensibilidades regionais, e anota que um dos momentos cruciais dessa jornada foi a sua iniciação nos mistérios de Eleusis (Spartianus: 15-39-69).

Um dos documentos que atesta a sensibilidade do governo de Adriano aos diferentes problemas religiosos do mediterrâneo oriental é o *Apologia*, texto escrito pelo filósofo cristão, grego, Aristides. Esse texto, segundo Marco Rizzi, teria sido, de fato, encaminhado ao Imperador (e não ao seu sucessor, Antonino Pio (138-161)), quando de uma de suas visitas a Atenas (Rizzi, 17), provavelmente em 124 ou 125 (Galimberti, 76).

Nesse tratado fundamental, o filósofo cristão faz uma fascinante digressão, de cunho metafísico, sobre a universo, a partir da ótica cristã. Mas também estabelece, de forma pioneira, uma clara distinção entre judeus e cristãos. Aqueles, explica ao Imperador, são descendentes de Abraão, Isaac, Jacó e dos “doze que emigraram da Síria ao Egito”. Estes, os cristãos, descendem do “Senhor Jesus Cristo. Ele, Filho de Deus nas Alturas, que se manifestou através do Espírito Santo, que desceu do céu e nasceu de uma virgem hebreia” (Aristides: 32).

Podemos dizer, portanto, que a era de Adriano é singularizada, entre outras coisas, pelo fenômeno da definitiva emergência do cristianismo como corrente de praxis religiosa. O texto de Aristides representa uma das primeiras manifestações do cristianismo no âmbito intelectual do Império e, simultaneamente, atesta de alguma maneira a disposição do Estado romano em estabelecer um tipo de diálogo intelectual ou filosófico com a religião em desenvolvimento.

O Imperador Adriano, de fato, visitou as conturbadas regiões do Oriente, e ordenou a execução ou substituição de mandatários oriundos do governo de Trajano. O que, provavelmente, foi bem recebido por certos setores da população, especialmente os judaicos. Uma avaliação positiva dele está contida nos Oráculos

Sibilinos, cujo texto afirma o advento de um Imperador que “teria o nome de um mar, e que seria o melhor de todos” (Oracles 5: 67-68). Isso é, o próprio Adriano, cujo nome soa como o do mar Adriático.

Essas expectativas em torno do Imperador foram de alguma forma correspondidas pela sua pretensa proposta de restaurar o Templo de Jerusalém, ou de reconstruir a cidade (Bazzana, 106). Sua visita à Judéia deu-se em 130. Considerando a existência de algum tipo de contato intelectual com o cristianismo, por exemplo através de Aristides, é razoável supor que algum contato com o judaísmo também tenha se realizado.

Podemos mencionar, por exemplo, a lenda que cerca o prosélito Aquila, autor de um Targum, uma tradução da Torá. Aquila era tido como primo de Adriano e um dos supostos responsáveis pelo projeto de reconstrução de Jerusalém. Sua conversão ao judaísmo teria criado uma séria crise na família imperial (Avodah Zarah: 11a). Esta lenda implica na idéia de que havia uma porosidade entre judeus e a administração romana, especialmente no período de Adriano. Entre os mais notáveis exemplos dessa crença está o ciclo narrativo sobre a seqüência de encontros entre o Imperador Adriano e o Rabino Joshua ben Hananiah (Rappaport: 194).

II

O Rabbi Joshua ben Hananiah era um tanaíta, isto é, um dos sábios do período da compilação da Mishnah, o texto que contém a tradição da Torá oral. O termo tanna vem do aramaico teni, “estudar”, “ensinar”. A produção desses intelectuais, que se entendiam como elos entre o conhecimento do passado e as demandas do presente, está localizada entre as décadas que precedem a destruição do Segundo Templo e o final do II século.

Os tanaítas atuaram num momento de profunda instabilidade política do Oriente próximo. Nesse período os judeus envolveram-se em duas grandes guerras contra os romanos e em inumeráveis rebeliões e conflitos fratricidas. Foi a época em que os cristãos emergiram do universo judaico como religião universal e que foram lançadas, a partir de diversas origens, principalmente farisaicas, as bases do posterior judaísmo rabínico. O ensino ao qual se referem os tanaítas é, portanto, ação construtora de identidade num mundo de desagregação identitária.

Joshua ben Hananiah era um dos cinco principais discípulos de Johanan ben Zachai, fundador da Academia de Jabneh (Neusner, 1975: 64). Tratava-se de uma

instituição que pretendia salvar os valores da civilização judaica após a grande guerra de 66-70. Ao que tudo indica, Joshua nasceu antes da destruição do Templo (70) e morreu antes do levante de Bar-Kokhba (132). Era levita e, quando criança, ao que se diz, serviu no coro do Templo. Tratava-se de um intelectual respeitado e que vivia da fabricação de agulhas. Vários ciclos de narrativas, na literatura talmúdica, estão associados a ele. Um deles diz respeito aos seus conflitos com Gamaliel de Jabneh, presidente da assembléia rabínica, primeiro sobre as questões relativas à organização do calendário e depois sobre a obrigatoriedade da oração matutina. Sobre esta última disputa, segundo a lenda, Gamaliel, em função de sua arrogância, foi deposto do posto que ocupava. Outro ciclo de narrativas diz respeito a sua provável fuga de Jerusalém sitiada, durante a guerra de 66-70.

Em geral, a tradição atribui a Joshua ben Hananiah uma postura simpática aos prosélitos, e a defesa de que os gentios justos teriam um local “no mundo vindouro”. São rememoradas, assim, no Talmude, várias missões importantes junto aos gentios, dentre as quais sobressaem seus lendários encontros com o Imperador Adriano, cujos relatos estão preservados em um ciclo específico de diálogos (Podro, 1959) (Wald, 451-452).

O ciclo dos diálogos entre o Imperador Adriano e Joshua ben Hananiah é particularmente importante, porque expressa, de alguma maneira, a experiência paradoxal das ações de abertura religiosa perpetradas pelo Imperador. No caso específico dos judeus, o Imperador Adriano assistiu ao último dos grandes levantes étnicos judaicos, a revolta de Simão Bar-Kokhba (132-135), cujas razões derivam, em parte, até onde se entende, das próprias atitudes integrationistas de Roma. Estas implicavam em graus diferenciados de assimilação, não aceitos por lideranças judaicas importantes, especialmente pelas lideranças rabínicas. A repressão liderada por Adriano ao movimento teve efeitos devastadores sobre o povo judeu e marcou definitivamente sua história. Assim, quando seu nome é mencionado no Talmude, é normalmente seguido pela qualificação de “perverso” ou seguido da imprecação “que apodrecam seus ossos!”

No entanto, em que pese isso, os diálogos de Adriano com Joshua ben Hananiah, que são entendidos como ocorrendo ainda na fase inicial de seu governo, isto é, antes da guerra, quando, como vimos, o Imperador busca políticas apaziguadoras no Oriente, são normalmente repletos de um sincero interesse, simpatia e admiração pela sabedoria judaica, o que contrasta frontalmente com o papel que desempenhou a posteriori e pelo qual é devidamente denominado “perverso”.

Jacob Neusner defendeu que a literatura rabínica, ao contrário da literatura bíblica, esta muito orientada por um pensamento histórico, é, acima de tudo, uma experiência paradigmática, que possui “uma concepção de tempo que despreza o passado e o presente e remove todas as barreiras entre eles” (Neusner, 2004: XII). Para ele o “judaísmo rabínico é ahistórico” (Nesner, 2004: 4). Com tal afirmação Neusner pretende dar conta das grandes incongruências ou dificuldades de analisar e discutir fragmentos memoriais ou históricos presentes na literatura talmúdica, que possuem grande imprecisão e ambiguidade, muitas vezes claramente deliberadas.

Segundo Neusner, para os rabinos o que importa não é o evento, ou a memória, mas a lição contida na narrativa “mudando o nome de Adriano para Tito ou Antonino... a força da narrativa permanece. O incidente serve como cenário para uma grande lição moral, nada mais” (Neusner, 2004: 94). Isto é, a experiência memorial talmúdica é paradigmática, arquetípica, trabalha com a eternidade do evento e se aproxima da perspectiva mítica.

De fato, os diálogos com o Imperador são, em sua grande maioria, diálogos morais, que podem ser adequados a qualquer outro César que não especificamente Adriano. Refletem sobre interações intelectuais, de cunho fabuloso ou fantástico, que os gentios poderiam ter com os judeus. Em tais diálogos, por mais poderosos que fossem, os gentios sempre acabavam de alguma maneira reconhecendo a superioridade dos judeus e de sua tradição. De fato, o ciclo de diálogos entre Joshua ben Hananiah e Adriano encaixa-se num mesmo padrão de outros diálogos talmúdicos entre sábios e reis.

III

No entanto, pelo menos no caso do Imperador Adriano, não se pode deixar de reconhecer que alguns dos diálogos preservados evocam realidades do período inicial da separação entre judeus e cristãos e de alguns dos primeiros movimentos do Estado romano em direção a tal problema. É sabido que na época da revolta de Bar-Kokhba a distinção entre os dois grupos atingira o estágio de conflito aberto. O intelectual cristão Justino Martir, com efeito, escreveu uma apologia ao Imperador Antônio Pio (138-161), no qual se refere ao fato de que durante “a recente guerra judaica” “o líder da rebelião judaica, Barchocebas” ordenou os mais “graves tormentos” aos cristãos, para que estes “renunciasssem a Jesus” (Iustini, 1:31).

A possibilidade de que, durante a rebelião, o governo de Bar Kokhba tivesse tomado atitudes persecutórias contra os cristãos não é absurda, considerando que estes eram considerados, pelo judaísmo rabínico em desenvolvimento, heréticos, e esse fato implicava em conflitos, às vezes violentos, em algumas comunidades judaicas do Império, especialmente na Judéia. Aceitando que os rabinos travavam uma intensa batalha pela hegemonia religiosa nas comunidades ainda dilaceradas por décadas de guerras, é natural que o seu Messias, Simão Bar-Kokhba, agisse em seu benefício.

Min é a designação normalmente utilizada na literatura talmúdica para referir-se ao herético, que pode ser de diversas inclinações doutrinárias, mas, no período, designa, com grande probabilidade, o judeu que é também cristão. Em Jabneh foi instituída uma benção específica da Amidá, a décima segunda benção, que era voltada especificamente contra os minim, neste caso especificamente os judeu-cristãos. Segundo a tradição, ela foi composta pelo Rabino Samuel, por ordem de Gamaliel (Berakot: 28b,29a). O seu recitar comprometia teologicamente aquele que rezava com a defesa do judaísmo rabínico, e qualquer reticência em recitá-la era razão de suspeição. O que reforçava, em personagens como Aristides, a necessidade de reafirmar a diferenciação entre as duas religiões ou povos, para tornar o cristianismo definitivamente independente do universo judaico, pelo menos do rabínico.

Em outra oportunidade realçamos o fato de que, na literatura talmúdica, os rabinos jamais entravam em combate aberto com os cristãos (Leite, 2006). Ao contrário dos cristãos, que sempre procuravam desarticular argumentos e justificativas rabínicas, ou dos “judeus”, como preferiam, os rabinos pareciam sempre impor um silêncio sobre as razões cristãs, embora muitas delas fossem, como anotamos em outra oportunidade tratadas não como razões cristãs, mas como razões (Leite, 2010). O grau de tensão naquela época, no entanto, pode ser traduzido através de dois diálogos, precisamente de Joshua ben Hananiah, travados, supostamente, na corte de Adriano. Ao contrário do desprezo bastante comum pelos minim, presente no Talmude, esses dois diálogos expressam não apenas morais universais, mas também referências específicas a um mundo extremamente tensionado do ponto de vista religioso.

O estudo desse material acrescenta novas perspectivas para esses graves momentos de ruptura religiosa entre judeus e cristãos, porque permite uma aproximação às narrativas rabínicas de combate ao cristianismo. Séculos de censura e medo, que geraram permanentes modificações, como anotou Elbogen, tornaram difícil recuperar em sua originalidade, por exemplo, as formulações

contidas na décima-segunda benção original, contra os minim (Elbogen: 41). Mas os diálogos de Hananiah permitem-nos uma impressionante proximidade ao teor das formulações rabínicas no combate às cristãos inseridos nas sinagogas. Entre a profusão de diálogos existentes, selecionamos dois, que nos aparecem bem eloquentes para o entendimento do problema.

O primeiro diálogo em questão descreve o Rabino Hananiah se deslocando, com grande intimidade, na corte do Imperador. A tal ponto que se torna íntimo de seus familiares. A sua intervenção diz respeito a uma observação capciosa da filha de Adriano:

A filha do Imperador uma vez disse ao R. Joshua b. Hananiah: ‘seu Deus é um carpinteiro, pois está escrito: ‘Ele assentou as vigas de suas construções nas águas’ (Salmos, 104:3). Peça que ele faça um carretel para mim’. Ele respondeu: ‘Muito bem’. Ele rezou por ela e ela tornou-se leprosa. Ela então foi para a praça e tomou um carretel, pois era costume que os leprosos fizessem novelos, de maneira que as pessoas os vissem e rezassem pela sua recuperação. Um dia ele estava passando pela praça e viu-a fiando um novelo, e disse então: ‘que belo carretel Deus lhe deu’. Ela disse: ‘eu lhe peço, peça a seu Deus para tomar de volta aquilo que me deu!’ Ele então respondeu: ‘nossa Deus, quando dá, nunca volta atrás’ (Hullin 60a).

Este é, provavelmente, um dos poucos casos, no Talmude, em que o ataque rabínico aos minim aproxima-se de uma condenação doutrinária do cristianismo. O leitor do Talmude certamente se pergunta onde está o pecado da filha de Adriano, que apenas pediu, de forma muito pueril, um carretel. O texto é claro ao definir que o pecado não está no pedido, nem na sua leviandade (pedir a Deus apenas um carretel não é pecado, é claro), mas certamente está não em perguntar, mas em afirmar, que “seu Deus é um carpinteiro”. Isto porque ela não o faz de forma figurada, já que, de fato, a figura de Deus como “arquiteto” é uma figura bíblica, da literatura sapiencial, por excelência (Provérbios 8:30-31). Mas ela não se refere a um “arquiteto”. Ela se refere aqui ao carpinteiro, isto é, ao filho do carpinteiro. Na perspectiva de Hananiah esta afirmação é pecaminosa e justifica a punição divina, para a qual não há retorno.

Um outro diálogo particularmente importante deu-se, como é narrado, igualmente, na corte de César, e dá conta da grande batalha que cristãos e judeus, cada um à sua maneira, travavam na sociedade da época e diante do poder imperial. Os cristãos literariamente, os judeus, militarmente, naquele preciso momento. Considerando a situação geral do período inicial do governo Adriano, aqui está descrita, de forma paradigmática, os deslocamentos e argumentações

entre os dois movimentos religiosos e, mais uma vez, podemos ter um vislumbre do teor das argumentações rabínicas diante dos seus adversários e, especialmente, dos cristãos:

Rabino Joshua b. Hananiah estava na corte de César. Um certo min disse a ele, por sinais, ‘vocês são um povo abandonado por Deus’. Joshua respondeu, também por sinais: ‘Não, Sua mão ainda está sobre nós para nos proteger’. O Imperador perguntou ao Rabino Joshua: ‘O que ele disse a você?’ ‘Vocês são um povo abandonado por Deus’, e eu respondi: ‘Não, Sua mão ainda está sobre nós’. Então o imperador perguntou ao min: ‘o que você disse a ele?’ ‘Vocês são um povo abandonado por Deus’ ‘E o que ele disse a você?’ ‘Eu não entendi’. Então disse o Imperador: ‘Um homem que não entende a linguagem de sinais ousa conversar em sinais diante do Imperador!’ Então ele mandou prende-lo [ao min] e o executou” (Hagig 5b).

Nesse diálogo está expresso o teor do confronto entre cristãos e judeus no limiar de sua definitiva ruptura, na perspectiva rabínica. Inicialmente, ele é caracterizado como um diálogo cifrado, entre povos e pessoas que comungam do mesmo código simbólico, diante de um imperador que, sendo pagão, não entende nem o universo nem o significado desses sinais. São, portanto, irmãos, em algum nível. Mas essa comunhão não gera concordância porque, na perspectiva talmúdica, embora os judeus possam entender o que os minim dizem, estes são absolutamente surdos aos fundamentos da argumentação rabínica. Não há debate, pelo menos na concepção talmúdica do que seja um debate. Não há contraditório. Os cristãos querem acima de tudo ser ouvidos, mas não desejam ouvir.

A confissão de “não entendimento” do min deriva não do fato de não saber o que Hananiah dissera, mas sim porque não queria entender, ou responder, ou contra-argumentar. Ou, talvez, não quisesse revelar, ao Imperador, a existência dessa irmandade interior, ou seja, queria apenas, como Aristides, afirmar sua diferenciação. A fantasia talmúdica acompanha, nesse caso, a mesma lógica do diálogo com a filha do Imperador. Se eles se recusam a ser judeus, nada são. O Imperador ordena a sua execução e isso, provavelmente, é um castigo divino. Parece que encontramos aqui uma moral muito particular: os cristãos morrem para os judeus, e para os romanos, porque recusavam-se a ser aquilo que eram. Ou, melhor dizendo, aquilo que os rabinos acreditavam que eles deveriam ser: seres capazes de dialogar e debater.

IV

Essas duas narrativas talmúdicas, excepcionais no seu enfrentamento aos minim, revelam, por fim, atitudes e convicções quase desaparecidas do corpo do Talmude, oriundas de uma época de confrontos religiosos. Não são apenas histórias morais, mas também possuem densidade histórica. Refletem diálogos e abordagens reais dos problemas daquele tempo. Mais alguma coisa pode ser percebida, com relação a Hananiah. A violência das argumentações possui um contraponto singular. O Talmude conta que, quando estava no leito de morte, Hananiah foi visitado pelos rabinos, que, reconhecendo sem dúvida seu papel argumentativo, nesse embate, perguntaram:

‘O que será de nós, agora, nas mãos dos descrentes?’ Ele disse a eles: ‘perdeu-se o conselho dos filhos, desapareceu sua sabedoria’ (Jeremias: 7) e assim como o conselho desapareceu dos filhos de Israel, a sabedoria dos povos também desapareceu. Mas vocês podem tirar conforto desta passagem: ‘tomemos o caminho e partamos, eu caminharei na frente’ (Genesis, 33:12) (Hagig 5b)

As “últimas palavras” de Hananiah são de reconhecimento de que a ruptura com os minim está configurada. Mas ele o faz utilizando uma passagem da história de Esaú e Jacó. Como entender? De novo, assim parece, Hananiah insiste na existência de elos fraternais. Nada mais há a fazer, no momento, senão seguir, cada um, o seu caminho, mas, como Esaú e Jacó, assim parece dizer Hananiah, sem perder um horizonte de reencontro e de esperança.

O reconhecimento da realidade dessa separação, aqui não apenas diante dos minim, mas também dos gentios e do mundo, assinala a força de um caminho de tradição, que não tem mais a temer dos minim do que dos outros povos do mundo e que deve confiar na “mão protetora de Deus”. Essa interpretação da ruptura entre judeus e cristãos, contém, apesar de todas as violências argumentativas, do próprio Hananiah, e de toda impossibilidade de diálogo, a defesa de que se trata de um problema que somente o tempo poderá solucionar. E revela a sensibilidade rabínica no sentido de entender a recorrente e útil irmandade entre os judeus e os seus minim.

Fontes e Bibliografia:

- ARISTIDES, The Apology of Aristides. (translated by Robinson, J. Armitage). Cambridge, Cambridge 1893.
- BAZZANA, Giovani: "The Bar Kokhba Revolt and Hadrian's Religious Policy" in RIZZI, Marco ed.: Hadrian and the Christians. Berlin, De Gruyter, 2010.
- ELBOGEN, Ismar: Jewish Liturgy, a Comprehensive History. Philadelphia, Jewish Publication Society, 1993
- EPSTEIN, R. Dr. I. (Ed.): "Berakot". In Hebrew-English Edition of the Babylonian Talmud . London, Soncino Press, 1990
- EPSTEIN, R. Dr. I. (Ed.): "Hagig". In Hebrew-English Edition of the Babylonian Talmud . London, Soncino Press, 1990.
- EPSTEIN, R. Dr. I. (Ed.): "Hullim". In Hebrew-English Edition of the Babylonian Talmud . London, Soncino Press, 1990.
- EPSTEIN, R. Dr. I. (Ed.): "Avodah-Zarah". In Hebrew-English Edition of the Babylonian Talmud . London, Soncino Press, 1990.
- GALIMBERTI, Alessandro: "Hadrian, Eleuses, and the beginning of Christian apologetics" in RIZZI, Marco ed.: Hadrian and the Christians. Berlin, De Gruyter, 2010.
- IUSTINI S.: S Iustini Apologiae Duae. Bonnae, Sumptibus Petri Hanstein, MCMXI.
- LEITE, Edgard: "Yeshu Ha Notzri e sua viagem ao Egito: uma parábola talmúdica". In: Chevitarese, André Leonardo; Cornello, Gabriele; Selvatici, Monica. (Org.). Jesus de Nazaré: uma outra história.. São Paulo: FAPESP- Annablume, 2006,
- LEITE, Edgard: "A Identidade Judaica no período do Segundo Templo e nas origens da tradição rabínica". In: LEITE, Edgard; CHEVITARESE, André; MAZAROLLO, Isidoro; LIMA, Maria de Lourdes; SANCOVSKY, Renata. (Org.). Identidades Judaicas e Cristãs no Limiar da Era Comum.. Rio de Janeiro: Imprinta, 2010, v. , p. 51-66
- NEUSNER, Jacob: The Idea of History in Rabbinic Judaism. Leiden, Brill, 2004.
- NEUSNER, Jacob: Early Rabbinic Judaism. Leiden, Brill, 1975.
- PODRO, Joshua, The Last Pharisee, The Life and Times of Rabbi Joshua ben Hananiah London, Valentine, 1959.
- RAPPAPORT, Uriel: "Hadrian, Publius Aelius" in SKOLNIK, Fred. Encyclopaedia Judaica. Vol. IV. New York: Macmillan, 2007.
- RIZZI, Marco: "Hadrian and the Christians" in RIZZI, Marco ed.: Hadrian and the Christians. Berlin, De Gruyter, 2010.
- SPARTIANUS, Aelius: "De Vita Adriani" in MAGIE, David (transl.): Scriptores Historiae Augustae I, London, Loeb, 1991.
- THE SIBYLLINE ORACLES, (translated by Terry, Milton). New York, Hunt and Eaton, 1890.

WALD, Stephen: "Joshua ben Hananiah" in SKOLNIK, Fred. *Encyclopaedia Judaica*. Vol.XI. New York: Macmillan, 2007.